

Mais médicos batendo à porta

Governo leva a Sobradinho II o programa Saúde em Casa, criado para tentar resolver problemas de atendimento na rede pública

Marcelo Abreu

Da equipe do **Correio**

Sob o sol do meio-dia, a dona de casa Cristina Coelho, 21 anos, segurava no braço a filha de quatro meses. Um pano na cabeça cobria o rosto do bebê. A menina, incomodada com o calor, chorava. A mãe tentava acalmá-la.

Num palanque logo ao lado, o governador Cristovam Buarque, a vice, Arlete Sampaio, a secretária de Saúde, Maria José Maninha, deputados petistas e demais autoridades discursavam. Falavam, gesticulavam, prometiam. Recebiam aplausos. Era a senha para mais discursos.

Cristina ouvia tudo. As autoridades estavam ali, no meio do poeirão da AR 9, em Sobradinho II, para o lançamento na cidade do programa Saúde em Casa, que tem como principal objetivo levar atendimento à residência do paciente, por meio de uma equipe multidisciplinar de 50 profissionais (médicos, enfermeiros, agentes de saúde, psicólogos, nutricionistas etc.), que serão divididos em dez grupos.

O programa atenderá a mais de 30 mil pessoas e chegará também à zona rural. Começou ontem a primeira etapa, o cadastramento. A idéia é fazer com que uma simples gripe, diarreia, troca de curativo, coceira na pele e aplicação de injeção — por exemplo — não sejam motivo para a população correr aos hospitais e postos de saúde, estrangulando o já precário atendimento.

O Saúde em Casa foi lançado em maio em Santa Maria e mais recentemente em São Sebastião. Até agora, tem provado que pode dar certo. No Hospital Regional do Gama, que atende a pacientes de Santa Maria, houve uma redução de 60% nas consultas da pediatria e 40% na clínica médica. Em 15 dias, 600 pessoas, entre adultos e crianças, deixaram de ir ao hospital.

Cristina, a moça do bebê no braço, não sabe desses números. Nem está interessada. Só quer resolver seu problema. Moradora da AR 10, em Sobradinho II, há mais de três meses ela tenta fazer um exame de raio X para

sua filha no hospital de Sobradinho.

Motivo? “O aparelho está quebrado. Eu perguntei se tem como fazer o exame no Hospital de Base e me dizem que não podem encaminhar porque lá tá lotado”, conta.

“Primeiro o problema apareceu em um pé. Agora, é nos dois. Minha filha está ficando aleijada e não posso fazer nada. Já não tenho mais nem lágrimas para chorar”, angustia-se. Cristina saiu decidida de casa. “Vim aqui para olhar o governador e perguntar para ele até quando o hospital vai ficar sem aparelho de raio X.” Saiu de lá sem resposta. Não teve oportunidade de subir ao palanque.

DÉFICIT X SUPERLOTAÇÃO

Soluções de um lado, problemas do outro. “Temos atualmente um déficit de mil profissionais em toda rede pública. Mas precisamos da autorização do governo federal para a realização de concurso”, explica a secretária Maninha.

De mãos atadas, o GDF só teve uma saída. A contratação de 630 profissionais, com recursos próprios, para contrato temporário de dois anos. Eles começam a ser distribuídos nas regionais ainda esta semana. “Esse número ainda é insuficiente, mas pelo menos amenizará o problema”, reconhece Maninha.

E falta de profissionais pode ser sentida mais dolorosamente no maior hospital do Distrito Federal, o Hospital de Base (HBDF). Além de atender à população do DF, o HBDF ainda recebe o Entorno e pacientes de outros estados. “Sessenta por cento do nosso atendimento é de fora do DF”, constata Rafael Aguiar, diretor do HBDF.

E ele tem razão. O **Correio** presenciou ontem que, em menos de meia hora, dois carros “estrangeiros” — um da prefeitura de Paracatu (MG) e outro de Cristópolis (BA) — deixaram pacientes gravemente acidentados. O motorista do carro de Paracatu, Sandro Roquete, que foi deixar o paciente Leocádio Rodrigues, 31 anos — com múltiplas fraturas em decorrência de acidente de carro —, confirmou: “Às vezes, faço até três viagens pra cá, por dia, carregando doente”.

Glauco Dettmar



O Hospital de Base sofre para atender a demanda do Entorno: de Paracatu (MG), chegam até três pacientes por dia